

# JESUS

## E O CATOLICISMO

16 de agosto

Basta estabelecer alguns paralelos para que se veja a incomensurável distância entre o Catolicismo e Jesus. O meigo Nazareno não possuía uma pedra onde repousar a cabeça; o Catolicismo é, no orbe terráqueo, o maior detentor das riquezas iníquas assinaladas no Evangelho.

Ensinava o Mestre que se deve dar de graça, nortear-se por uma caridade sem limites; o Catolicismo vende as suas preces, os seus sacramentos, transformando o templo em balcão, conforme já o asseverou Victor Hugo.

Advertia Jesus que se deve perdoar setenta vezes sete vezes; o Catolicismo, não se referindo aos infames tribunais da Inquisição, conserva até hoje, na cidade do Vaticano, um tribunal a aplicar castigos e penas, em nome do mesmo Jesus.

Dizia o Cristo que o Pai não deseja que se percam as ovelhas; o Catolicismo criou, criminosamente, o inferno, com as suas dores eternas.

Asseverava o Mestre: "Bem-aventurados os pobres, os humildes, os pacíficos, porque deles é o reino dos céus"; o Catolicismo endeusa os ricos da Terra, lisonjeia-lhes, cumulando-lhes de títulos brasonados, esquecendo os sofredores que põem suas esperanças em Deus.

Cristo personificava a tolerância; o Catolicismo cultiva a intolerância, com o mais odioso espírito de seita.

Jesus, com a sua incomparável abnegação, inflamava as almas de fé; o Catolicismo rouba e mata a fé de todos os corações, com os seus exemplos em oposição aos seus ensinamentos.

O Mestre era a caridade personificada; o Catolicismo, acima do próprio Pai de Misericórdia Infinita, coloca os interesses temporais e monetários.

Cristo exclamava: "Amai-vos uns aos outros!"; o Catolicismo fomenta guerras e dissídios, abençoando ainda os instrumentos de destruição nas lutas fratricidas.

Jesus foi ao extremo de sacrificar-se na morte nos braços da cruz e em meio aos seus martírios perdoava os seus algozes; o Catolicismo tem os seus castelos encantados, onde se submerge nos gozos efêmeros, como o Palácio do Vaticano, onde habita o sumo pontífice, coberto de diademas reais, mergulhado num egoísmo todo humano, rodeado de tesouros que as traças roem.

Finalmente, esses minúsculos paralelos bem nos mostram a necessidade da conversão do Catolicismo ao puro Cristianismo do Mestre divino, quando, então, a Igreja papal deixará de ser um dos maiores instrumentos de provações para a humanidade terrena.

F. XAVIER